

Afetos Políticos Antipredicativos e Linguagem no Pós-Revolução do Egito Urbano

Antipredicative Political Affects and Language in the Post-Revolution of Urban Egypt

Potyguara Alencar dos Santos¹

Resumo

O texto procura produzir algumas considerações analíticas sobre duas formas de mobilização popular que se estendem pelo período conhecido como *ba'd al-thaūra* (o pós-Revolução Egípcia de 25 de Janeiro de 2011): *al-fās* (os debates) e os *brutustāt al-ḥay* (os protestos de bairro). A potencialidade política dessas modalidades de manifestações é flagrada no caráter aqui chamado de *work in progress* de suas experiências: suas capacidades de mobilização baseadas no processo de execução de atos comunicacionais passageiros e na espontaneidade com que os seus coletivos de participantes são agregados. Ao descrever esses eventos populares realizados na forma de reuniões concentradas, abre-se a uma reflexão sobre os estranhamentos constitutivos que eles inspiram entre os habitantes das periferias caiotas, bem como sobre as identificações antipredicativas de ordem linguística, afetiva e, principalmente, política que capacitam. Os resultados ora comunicados decorreram de incursão etnográfica realizada entre 2014 e 2015 pela cidade do Cairo e por vilas do Baixo Egito, quando o assunto das juventudes e das suas formas expressivas de comunicar o tempo do pós-Revolução ocupavam o centro do interesse de pesquisa.

Palavras-chave: Manifestações urbanas. Reuniões concentradas. Afetos políticos antipredicativos. Pós-revolução. Egito.

Abstract

The text aims to produce analytical considerations on two forms of popular mobilization extending through the period known as *ba'd al-thaūra* (the post-Egyptian Revolution of 25 January 2011): *al-fās* – also known as "the debates" – and the *brutustāt al-ḥay* (the neighborhood protests). The political potentiality of these modalities of manifestations is caught in the character here called work in progress of their experiences: their capacity for mobilization based on the valorization of the process of execution of the communicational acts and the spontaneity with which the participant collectives are formed. Taking these popular events in the form of concentrated meetings opens a reflection on the constitutive strangles they inspire among the inhabitants of the Caiota peripheries, as well as on the linguistic, affective and, above all, political identifications that enable them. The results reported here were based on an ethnographic incursion carried out between 2014 and 2015 by the city of Cairo and by villages in Lower Egypt, when the subject of youths and their expressive ways of communicating the time of the post-Revolution occupied the center of research interest.

Keywords: Urban manifestations. Focused gathering. Antipredicative political affects. Post-revolution. Egypt.

Introdução

Os eventos da praça Taḥrīr no Egito de 2011 sofreram uma série de disputas interpretativas, essas aquecidas principalmente pela opinião jornalística e, em parte, acadêmica. Tratava-se aquele de um movimento popular e revolucionário? Inaugurava-se um período de abertura democrática no país mais populoso da região do MENA (*Middle East and North Africa*)? Financiadores internacionais estavam por trás das movimentações de rua? Essas eram algumas das perguntas levantadas ante a

¹ Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí (PPGAnt-UFPI, Teresina, PI, Brasil). E-mail: potyguara.alencar@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9965-958X>.

surpresa dos atos (MAHMOOD, 2012; ABU RISH, 2014; BISHARA, 2014; LESCH, 2014; MECHAN, 2014). A maioria dessas questões tentavam interpretar o Egito de 2011 por categorias modelares à teoria política ocidental, promovendo ou supondo a operação de ideais, tais como: democracia, revolução, movimentos populares, relações internacionais, entre outras.

Quando, em 2014, resolvi iniciar a fase da incursão intensiva ao campo, escolhendo inicialmente o bairro caiota de al-Muqaṭam e suas juventudes como meio físico e relacional da pesquisa de doutorado², entendia que todo esse conjunto de perguntas precisava ser desafiado por outros dados: o que diziam os mundos da vida que refletiam sobre política, gerações sociais e religião no período que os egípcios nominam de *baʿd al-thaūra* (o após-Revolução)? Faltava, ante todas essas indagações, muitas delas de conteúdos ansiosamente analíticos, produzir uma escuta atenta das expectativas diárias dos egípcios em frente de um país em que a população tentava, mais uma vez – como ocorreram em vários momentos de sua história (AMIN, 2012; AL-SAYYAD, 2011; BAYAT, 2013; IBRAHIM, 2002) –, influenciar nos destinos das estruturas institucionais do Estado moderno pós-colonial.

Se o quadro da pesquisa etnográfica e urbana que realizava recaía sobre as práticas de pensar a política no cotidiano da cidade, principalmente em vista da superação do antigo regime militar que regrou a vida pública ao longo dos últimos dois séculos, então um dos segmentos considerados pelo projeto deveria ser, necessariamente, os estilos tradicionais e alternativos de ocupar as ruas das manifestações populares do *baʿd al-thaūra* (o após-Revolução); tanto nas mobilizações que ocorriam no centro da cidade, quanto aquelas que ascendiam das periferias para as regiões centrais.

É objetivando descrever e analisar dois tipos de manifestações que classifiquei de eventos *work in progress* – protestos de praticável” ou “debates”, também conhecidos como *al-fās*, e “de *balaqūna*” (sacada) – que ponho em centro o propósito deste artigo. Com esse nível de atenção, pretendo demonstrar como práticas comunicacionais populares espontâneas baseadas em gestos de mobilização urbana foram fundamentais para a tentativa de superação de um regime militar no Egito recente. Também suportado por esse propósito, procuro demonstrar como os balizadores analíticos que utilizamos, esses sobremaneira informados pelas expectativas das teorias políticas clássicas, precisam ser confrontados pelos enredamentos locais em que a sociedade civil organizada e os operadores do Estado entram em interação, promovendo a existência de um mundo vivencial que atualiza, cotidianamente, as noções de fazer política de uma população.

Manifestações em *Work in Progress*

A Revolução Egípcia de 25 de Janeiro de 2011 se notabilizou como uma das expressões populares em forma de protestos que ocorreram em países do Oriente Médio, da África Norte-saariana e da Península Arábica naquele ano. No Egito, o movimento revolucionário acabou conquistando a renúncia do então presidente Ḥusnī Mubārak, que, em novembro de 2014 foi julgado pela Suprema Corte Egípcia e absolvido pelos inúmeros crimes cometidos contra os manifestantes da Revolução.

Porque as exceções impetradas por um novo regime militar inaugurado pelo marechal e presidente Fatāḥ al-Sīsī, em 2014, passaram a impedir que os egípcios mantivessem o mesmo envolvimento com o tema da política que antes, quando se manifestavam nas praças da Revolução de 2011, era possível notar no período do pós-Revolução – tempo e realidade de minhas pesquisas de campo, entre 2014 e 2015 – a existência de um “plano baixo” dos gestos interpessoais: os indivíduos protegendo ainda mais as suas expressões das violências rotinizadas pelo novo governo militar reascendido ao poder e produzindo economias e apresentações criativas de si a intento de continuarem participando, embora com intimidade e resguardo, da narrativa política.

² Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (PPGAS/UnB).

Essas violências mencionadas têm no mínimo duas origens. A primeira reside no autoritarismo militarista e na sua vigilância sobre a “ordem pública”, com as proibições à livre associação popular em forma de movimentos sociais ou de qualquer manifestação política, mesmo que seja pela ação de um simples braço que se ergue e mostra o numeral “quatro” com os dedos. Pois esse gestual identifica os membros e apoiadores do movimento social islâmico conhecido como *Rābʿah*, também registrado pela forma latinizada “*R4bia*”; segmento que surge após o massacre ocorrido na praça que dá nome ao coletivo. Na ocasião, milhares de manifestantes apoiadores do presidente deposto Muḥammad Mursi acampavam na avenida da praça Rābʿah al-Aʿdaūya, que fica diante da mesquita homônima, no bairro caiota de Madīna Naṣr. Alegando que as “vias da capital precisavam ser desbloqueadas”, as Forças Egípcias de Segurança promoveram uma dispersão forçada da concentração, que passou a demonstrar resistência. Durante a atuação policial, os manifestantes foram surpreendidos quando um caminhão-tanque aspergiu um líquido inflamável sobre as tendas dos acampamentos populares. O ato incendiário que ocorreu em seguida matou, em praça pública, cerca de cinquenta manifestantes; alguns carbonizados, outros fuzilados pelas costas enquanto fugiam do fogo. O evento ficou conhecido como o *al-Maḡzara al-Rābʿah* (O Massacre da Praça Rābʿah), gerando o movimento social de mesmo nome. (SANTOS, 2017, p. 34)

O *Ḥarakat Shibāb Sita Abryl* (Movimento Jovem 6 de Abril) – que tem sua fundação antes do Rābʿah, mas que com esse último participa dos levantes populares do pós-Revolução – é uma das principais denominações a divulgar e organizar os atos que possibilitaram a chamada *al-Thaūra* (A Revolução). Como alguns movimentos sociais recentes daquele país, o *Ḥarakat* formou sua base política no interior das universidades públicas egípcias, optando pela não partidarização ou islamização das suas orientações ideológicas e programas de atuação. Hoje, um número considerável dos membros dessa denominação permanece sob regime de julgamento e detenção pelo governo do marechal e ditador Fatāḥ al-Sīsy, presidente eleito em 2014, quase um ano após o golpe perpetrado contra Muḥammad Mursi; esse último, um governante apoiado pela Irmandade Muçulmana e primeira liderança eleita democraticamente no Egito (EL-DABH, 2013).

Os relatos das formas de manifestações que seguem neste texto decorreram do acompanhamento das mobilizações promovidas por esses dois segmentos populares: do *Ḥarakat Shibāb Sita Abryl* – de ascendência juvenil e não islâmica – e do *Rābʿah* – de preceituações ideológicas islâmicas e frontalmente contrário ao novo “governo dos militares”, representado pela figura de Fatāḥ al-Sīsy.

Desses grupos, são flagradas duas estratégias de mobilização: as manifestações conhecidas como *il-fās* e os “protestos de bairro”, que convocam os manifestantes chamando-os a partir das suas *balaqūna*, as sacadas dos prédios populares que dão de frente para as ruas e avenidas da metrópole caiota. Como características compartilhadas, essas mobilizações se notabilizam pela espontaneidade dirigida dos seus atos – isto é, elas são conscientemente pensadas para juntar multidão sem promover uma chamada prévia por redes sociais ou por outras formas de anúncio – e pela participação intensiva de sujeitos que destacam seus atos dos coletivos organizados dos quais fazem parte: indivíduos que sozinhos promovem mobilizações espontâneas nas avenidas, ruas e praças de bairro, e isto por meio de mobilizações do tipo “parar, falar e discutir” sobre um praticável, ou puxando protestos caminhando e gritando pela presença dos seus vizinhos através das sacadas dos prédios populares.

No geral, o movimento aqui chamado de “formar aglomerados sem gerar pistas previsíveis de divulgação” torna-se a expressão de uma tática clara: burlar o rastreo das informações que entregam a intenção do evento político e dos seus organizadores para as Forças Egípcias de Segurança. Se em 2011 foram justamente as tecnologias de informação que facilitaram as concentrações populares nas ruas do Cairo (Facebook, Twitter, *blogs* etc.), de 2014 aos dias de hoje – quando se recrudescem as formas de vigilância e perseguição aos manifestantes encetadas pelo novo governo dos militares através da figura de Fatāḥ al-Sīsy – são os usos estratégicos desses divulgadores virtuais que vêm sendo repensados em suas funcionalidades. E, como alternativa ao que eles representam, sendo revistos os antigos gestuais de mobilização baseadas na voz orgânica manifestada na rua, na arte do pregão e na convocação corpo-a-corpo.

Analisar o desenvolvimento desses atos serve, antes de tudo, para dar ênfase ao caráter aqui chamado de *work in progress* dos seus eventos: a espontaneidade e a o acesso instantâneo às pessoas e aos seus afetos políticos no contínuo do que são mobilizadas para fazer parte de um grupo público de debate – no caso das *al-fās* – ou de uma passeata de atores em um ato de protesto – no caso das “passeatas de bairro” (os “*brutustāt al-ḥay*”). A ideia de um evento em *work in progress* é apropriada da reflexão produzido por Renato Cohen, desde a leitura dos seus usos nas artes, ciências e outros experimentalismos:

Apesar dessa fase processual existir em outros procedimentos criativos, no campo em que estamos definindo como linguagem *work in progress*, opera-se com maior número de variáveis abertas, partindo-se de um fluxo de associações, uma rede de interesses/sensações/sincronicidades para confluir, através do processo, em um roteiro [...]. O produto, na via do *work in progress*, é inteiramente dependente do processo, sendo permeado pelo risco, pela alternância dos criadores e atuantes e, sobretudo, pelas vicissitudes do percurso. O conceito de *work in progress* tem sido aplicado na ciência (em experimentos retro-alimentares), em procedimentos de linguagem e comunicação, em projeções de devires filosóficos e psicológicos e em outras disciplinas (COHEN, 1998, p. 16-17).

Qualificando algumas das modalidades de manifestações no Egito do pós-Revolução como eventos *work in progress*, queremos ressaltar que o “processo” e as “vicissitudes dos percursos” são centralmente importantes não apenas para dar vazão a uma tática que burle as autoridades militares, mas para surpreender o homem no interior e no local da vida cotidiana, lá onde a surpresa dramática se faz como uma oportunidade para a expressão política compartilhada, um afeto antipredicativo possível que se dispõe na rua ocupada. Quando trato de “afetos antipredicativos” para explicar os conteúdos de agregação dos coletivos dos protestos, procuro me referir àquela potência de abertura para a massificação do ato de manifestação que nos faz evidenciar que

Sujeitos confrontados com uma modalidade antipredicativa de reconhecimento e levados a se afetarem pela indiferença que circula no interior de zonas de indiscernibilidade são sujeitos continuamente despossuídos de suas determinações e, por isso, desamparados, abertos a um modo de afecção que não é simplesmente a expressão da presença do outro no interior do sistema consciente de interesses e vontades que determinariam a minha pessoa (SAFATLE, 2015a, p. 14).

Nesse sentido, as manifestações *work in progress* se diferenciam, sobremaneira, dos atos programados de rebelião e de formação de coletivos organizados de manifestação, em que é o predicado de uma identidade política ou a acentuação de um valor moral que agrega os sujeitos; a exemplo daqueles comunicados pelas etnografias e análises históricas de autores clássicos como Shahid Amin (1995), Janet Abu-Lughod (1998), Iletto (1997), Gluckman (1963), além da própria reflexão de Tambiah (1997) para as “violências coletivas” despertadas na forma do que chamou de *ritos*:

Os atos incendiários, destruição de patrimônios, agressões a pessoas físicas (incluindo homicídios e estupros) direcionados a um inimigo, seja ele um grupo social, categoria, Estado ou administração política (ou uma combinação de todos eles) (TAMBIAH, 1997, p. 28, minha tradução).

Como as descrições a seguir farão perceber, ao passo que as manifestações do pós-Revolução Egípcia incentivavam estrategicamente a mobilização repentina dos atos de protesto, elas também foram incorporando os sentimentos políticos aduzidos dessa experiência de produzir um estranhamento de valor estético, moral e político à cidade e aos seus habitantes dentro do fluxo da vida cotidiana (GUNNING; BARON, 2013).

Al-Fās e Balaqūna: Organizar a Rua No BaʿD Al-Thaūra

O que relato a seguir é a operação de duas tomadas estratégicas de decisão por parte dos manifestantes do *Ḥarakat Shibāb Sita Abryl* e do *Rābʿah* em vista de manter as manifestações populares no Cairo após a nova emergência do governo dos militares; procurando, assim, contornar os mecanismos autoritários de censura. Essas decisões objetivavam, basicamente, “manter as pessoas nas ruas”, tornando sempre vivo o princípio da ocupação e da comunicação intensiva das afecções políticas populares que se inaugurou com os movimentos da Praça Taḥrīr, em 2011.

Uma dessas estratégias diz respeito ao gesto, na maioria das vezes individual, de parar em um dado lugar – a exemplo de uma praça –, tentar se elevar acima da multidão subindo em um praticável, erguer voz e discursar contra o governo e suas ações, divulgando e analisando notícias recentes. Em solilóquio, aquele que protesta começa a tecer comentários sobre o governo dos militares, sobre a memória de algum *shahīd* (mártir) abatido durante os massacres de 2011 ou sobre os assuntos da política em geral. De repente, um pequeno grupo de pessoas se aproxima daquele indivíduo para apreciar sua fala e fazer um registro gravado, bem como participar dialogicamente de suas ideias, seja ratificando-as seja delas discordando, mas sempre desafiados pelo ideal de uma interação não conflituosa.

O movimento daqueles que assim protestavam consistia, portanto, em parar, projetar a voz e esperar que outros dele se aproximassem para iniciar um “debate”, algo que os egípcios chamam de “*al-fās*” (a discussão, o debate), também conhecido por “*al-gadal*” (a.e.c.), “*al-niqāsh*” (a.e.c) ou “*al-munāqashah*” (a.c.)³. Ou ainda, caso ninguém se propusesse a participar, aquele que discursava simplesmente continuava falando em tom de solilóquio para os transeuntes. A provável origem do termo “*al-fās*” vem de um estrangeirismo, mais precisamente do verbo da língua inglesa *to faze* [/feiz/], traduzido como “surpreender ou incomodar alguém” (CAMBRIDGE..., 2012, p. 517, minha tradução).

Esses movimentos de “parar, falar, discutir” eram realizados para além do propósito de iniciar ali um grande protesto, pois não eram as fraseologias políticas comuns às praças das manifestações que estavam sendo performadas. Por vezes, era apenas uma notícia de jornal que ganhava um comentário excedente, uma nota verbal angustiada de alguém surpreendido com a condenação à prisão perpétua de um jovem manifestante de 21 anos que jogou bombas incendiárias dentro do Museu Nacional do Egito, ou sobre a declaração da pena de morte para outros tantos presos políticos, ou ainda a notícia do perdão judicial dado ao ditador Hosni Mubarak, que foi abonado dos seus crimes políticos e financeiros ao final de 2014. Apelos em forma de dísticos da tradição oral e exortações religiosas também se imiscuíam a essas falas que tentavam ser livres, apesar de concorrerem constantemente com a presença de guardas e de pessoas que eram partidárias do regime de Fatāḥ al-Sīsy.

Nesse sentido, a espontaneidade *work in progress* do gesto da comunicação e a capacidade de rapidamente desmanchar a interação conhecida como *al-fās* eram as principais características daquele movimento. Além, é claro, de um dado que é saliente a essas manifestações: o patente interesse dos civis de cederem suas falas preñes de notícias criticamente analisadas e colocações de afetos muito pessoais ao comentário da vida pública, o prazer pela participação na forma da voz própria, através da qual a política é pensada e comunicada menos como coisas que são “ditas”, “significadas”, mas, sim, considerada pela “relacionalidade de um ‘dizer’”, por meio do qual “mais do que significar, cada um comunica quem é” (BARBEITAS, 2011, p. 11).

A espontaneidade expressiva e a ausência de uma coordenação entre coletivos de atores dão às performances políticas da *al-fās* as características das interações de uma *focused gathering* (reunião concentrada), que, pela conceituação de Goffman (1961) reiterada por Geertz (1973, p. 424), circunscreve

[...] algo insuficientemente consistente para ser chamado de “grupo” (*group*) e insuficientemente desestruturado para ser chamado de “multidão” (*crowd*) [...] um

³ Siglaturas: (a.e.c) – árabe egípcio popular; (a.c.) – árabe clássico.

conjunto de pessoas absorvidas num fluxo de atividade comum e se relacionando umas com as outras em termos desse fluxo.

As *al-fās* acabavam sendo alternativas aos protestos impedidos, porque essas “reuniões concentradas” se formavam e eram desfeitas com flexibilidade pelos seus participantes, não demandando uma organização prévia nem mobilizando tantas atenções quanto os grandes protestos.

O problema delas é que por vezes as suas discussões revolvem tramas e opiniões que distanciam ou que exploram territórios emocionais muito distintos entre os debatedores: de um lado, podemos ter um muçulmano sunita marcando oposição ao regime, do outro, um cristão copta que atribui a culpa do atentado incendiário cometido contra a sua *kinīsa* (igreja) aos *Ikhwān* (aos “irmãos”, à Irmandade Muçulmana), por isso acredita na importância da intervenção militar promovida por Sīsy e pelos seus oficiais. Foi um desses debates envolvendo um apoiador do *Rābia* e dois outros homens que acabou gerando uma cena de espancamento na encosta da montanha do distrito de al-Muqāṭṭam, onde realizei parte da pesquisa. Durante a discussão, aquele que falava contra o governo dos militares foi espancado, desnudado e colocado desacordado no meio do fluxo de carros da avenida Shir^{ca} Tis^{ca}, provavelmente para ser atropelado. Um vídeo do canal de imagens Fidyó 7, do jornal *al-Alyūm*, mostrava algumas pessoas resgatando e cobrindo o corpo ensanguentado do agredido, enquanto um comentarista das imagens recomendava às pessoas a “não participarem daqueles tipos de debates públicos que acabavam em agressões e na detenção dos envolvidos”.

Todo esse estado de intimidações, constrangimentos e violências cada vez mais influenciava os vínculos entre as pessoas e a vivência do assunto da política, desapropriando-a do exercício público e coletivo de participação. De tal modo que mesmo as *fās* que eram registradas em vários espaços da cidade e postadas nas redes sociais do *Rābia* e do *Ḥarakat Shibāb Sīta Abryl* se mostravam cada vez mais escassas. Tudo fazia inspirar ressalvas e impunha medo às condutas voltadas ao envolvimento dos civis com a política como manifestação de rua. Existiam vozes que reclamavam de “cansaço”, falavam em “descrença”, em “falência” dos objetivos revolucionário e sufocamento definitivo das saídas possíveis para um reavivamento da revolução.

A espontaneidade passou a ser uma estratégia também das manifestações promovidas pelo *Rābia*: ao invés do visível *wust al-balad* (centro da cidade), os manifestantes buscavam se reunir nas periferias do Grande Cairo – Al-Mārg, Al-Maṭarīa, Ḥarafyn etc. –, e ao invés de divulgar os atos nas redes sociais, onde as informações eram rastreáveis, esses eram repassadas de pessoa a pessoa, que eram chamadas para os “protestos de bairro” (os *brutustāt al-ḥay*): formas de protesto que enquanto se deslocam pelas ruas vão convocando outros manifestantes das vizinhanças e das *balaqūna* (sacadas) dos condomínios populares para se juntar à multidão em formação.

Esses atos costumam ter início com não mais que meia-dúzia de manifestantes nas ruas, que empunham bandeiras com o rosto de um mártir e gritam palavras de ordem, saindo pelas ruas estreitas dos bairros periféricos conclamando os seus vizinhos a se juntarem em protesto. Por vezes, há uma coordenação mínima dos atos feita tête-à-tête dentro das cafeterias e nas mesquitas, diálogos que colocam os proponentes das manifestações em sintonia e em franca disposição para iniciar os *brutustāt* (protestos).

Quando nas ruas, esses protestos preferem os logradouros das unidades de vizinhança populares do que as grandes avenidas e corredores urbanos. Se por um lado essa escolha é produzida pela ressalva da vigilância das Forças Egípcias de Segurança, por outro, ao promoverem os *brutustāt* nos logradouros populares caiotas, esses manifestantes estão aproximando mensagens e trocando estímulos justamente com aqueles que em 2011 povoaram o centro da cidade. Se perdem no caráter da grande divulgação em massa das suas demandas, ganham, por outro lado, no alcance efetivo dos afetos políticos antipredicativos da gente das periferias urbanas, realidades onde o Estado ainda não consegue se realizar como uma intervenção efetiva, nem do ponto de vista da intrusão da força policial, nem no aspecto da implementação de políticas humanizadas eficientes. E, mesmo em tamanho reduzido, os protestos de bairro ganham em quantidade, já que podem ser reproduzidos com uma certa flexibilidade a qualquer momento e em quase todas as grandes regiões da metrópole.

Imagem 1 - Formação espontânea de uma reunião concentrada de protesto em um bairro caiota.



Fonte: Conjunto imagético do acervo do autor (2014).

Imagem 2 - Na forma de uma al-fās, um jovem interpõe aos atos de protesto a sua opinião sobre o perdão judicial dado ao ditador Ḥusnī Mubārak.



Fonte: Conjunto imagético do acervo do autor (2014).

Na imagem 1, manifestantes iniciam um protesto de bairro para lembrar do aniversário da Revolução Egípcia, celebrar a memória dos mais de mil mártires abatidos durante aquele evento histórico e tematizar o perdão dado pela Justiça a Ḥusnī Mubārak, que foi julgado pelos seus atos de repressão contra os manifestantes e crimes financeiros, ao final de 2014. Os manifestantes foram chamados pelo jovem de jaqueta vermelha, que, na foto, aparece sobre os ombros de um outro, como se dele fizesse um “praticável e palanque”. Naquele dia, eles percorreram algumas ruas chamando pelos transeuntes e pelas pessoas dispostas nas sacadas dos prédios que os observavam.

Na imagem 2, na forma de uma *al-fās*, um jovem interpõe aos atos de protesto a sua opinião sobre o perdão judicial dado a Ḥusnī Mubārak. Ele expõe suas ideias e tem sua fala contemplada pela opinião de outros, que também faziam parte do aglomerado. De repente, do meio daquele pequeno grupo de manifestantes que se juntaram aleatoriamente – e que ora se revezavam entre ser “movimento que caminhava pelas ruas” e ser “reunião concentrada” –, as notícias da manhã passaram a ganhar comentários públicos emocionados, os assuntos do dia foram atualizados e os sentimentos despertados por eles foram negociados entre pessoas que não se conheciam.

Há, nesses movimentos, uma ansiedade por transpor a política à condição de uma fala ativa. A política conformada à condição daquilo que Hannah Arendt se refere como o gesto do *petitio principii* (pequeno princípio): a ação de inaugurar a vida política através do empréstimo da fala, a voz que avaliza e inaugura a existência de uma instituição da qual todos podem participar organicamente. Nessas reuniões concentradas, atira-se a ansiedade histórica e civilizacional pelos “atos inaugurais”, pelo “novo início” (ARENDDT, 2011, p. 54), a sociedade política imaginada como um corpo que se “revoluciona” e aperfeiçoa as colunas abstratas que o sustentam, e assim o fazem pela promoção de atos de fala em que todos são convocados a emprestar suas presenças e suas vozes.

O Fortuito dos Encontros e as Identificações Linguísticas

Os protestos de bairro e as reuniões concentradas conhecidas como *al-fās* são mais que mobilizadores de comunicados da vida política, eles estão para além de reforços informativos. Seus efeitos residem no próprio movimento de promover encontros fortuitos, presenciais, orgânicos, participações criativas e trocas de intensidades dentro de um cotidiano ativamente compartilhado.

Quando ensejam encontros, os seus participantes não têm previsto – dentro desse “processo” que marca a espontaneidade dos eventos em *work in progress* – o que pode ocorrer a eles e ao coletivo que se organiza. Não por acaso, a ocorrência de reações violentas por parte dos próprios participantes e ações proibitivas das próprias Forças Egípcias de Segurança são registradas nesses instantes. Mas esses incidentes é o que parece menos importar dentro do encontro. Pois as trocas que ali ocorrem e as vicissitudes que envolvem a todos têm suas maiores expressões no circuito das condutas políticas e afetivas antipredicativas que se abre naquele instante. O ato inesperado emerge quando se toma a opinião do transeunte, quando desperta desse seu interesse participativo pelo comentário público.

Ali, na rua, esses debatedores rompem com as mediações midiáticas através do qual o mundo ganha um conteúdo plástico, objetivo e interessado. São as próprias pessoas, desde os seus estímulos, suas frustrações, seus estertores que realizam a comunicação. O efeito da identificação vem da própria coincidência do rosto que, como o meu – um homem do mundo cotidiano – comunica algo que também sinto ou que se aproxima das minhas expectativas, da minha ansiedade por dizer. O outro, aquele que encaminha a parti de si o “debate”, também faz isso apropriado de um traço dialetal que é o meu, ele mantém compartilhado comigo uma variante do próprio código da língua.

Sobre a dimensão da identificação linguística entre aqueles que participam das modalidades de manifestações em *work in progress*, chama-se a atenção para o fato de que durante o processo revolucionário de 2011 ocorreram algumas comparações envolvendo o “discurso do ditador” e a “fala do povo”. Após Ḥusnī Mubārak aparecer na TV para tentar acalmar os ânimos revolucionários com três discursos proferidos numa variante moderna do árabe *fushḥā* (clássico), alguns manifestantes foram para as ruas a fim de “ensiná-lo a falar como os egípcios falam”. Durante uma dessas “aulas abertas”, uma manifestante dizia:

‘Amish ya’ni ‘Arḥal yalli mabtifhāmshi.
“‘Cai fora!’ significa ‘saia!’, para você que não entende”.
(a.c./a.e.c)

Ela explicava ao ditador que não se fala educadamente “*arḥal, Mubāarak!*” (a.c.) – algo como: “por favor, deixe a presidência, Mubāarak!” – mas, sim “*amish, Mubāarak!*”, com a faríngea aspirada “*aiyn*”, uma das letras do alfabeto árabe acentuada ao modo das prosódias compartilhadas pelos caiotas e pelo dialeto *saʿid* das regiões rurais do Alto Egito. *Amish* também é o termo coloquial que se usa no dia-a-dia quando algum cão – animal associado a impurezas por algumas interpretações do islām – adentra a *ziyāda*⁴ de uma mesquita, ou quando se deseja expulsar uma pessoa indesejada de um ambiente.

Bassiouney (2014) chama atenção para esses inúmeros estranhamentos da língua que foram usados nas ruas para evocar a identidade popular das mobilizações sociais. No registro linguístico do árabe e das suas variações, a diglossia – a convivência de dois ou mais registros dialetais (FERGUSON, 1996; HELLER, 2007; HINDS; BADAWI, 2009) – e todos os estranhamentos da língua que ela causa são comumente usados para reforçar as diferenças, as variações e desníveis de status internos às nações. Como os territórios e os direitos, o árabe também é um objeto em disputa na região de semelhanças culturais e políticas conhecida como MENA (*Middle East and North Africa*) (SULEIMAN, 2004).

Em *Ordinary Egyptian*, Ziad Fahmy (2011) se reporta ao fenômeno da diglossia para explicar, por exemplo, que o apelo da militância por procurar fazer uma “revolução falada em árabe coloquial” – em oposição àquele dialeto usado pelas elites políticas e artísticas e pelo colonizador inglês – teve importância central no forjamento do sentimento popular anticolonial que resultou na Revolução de 1919, quando a ocupação inglesa do Egito (1882-1952) foi contestada e, junto com ela, a sua língua europeia como segundo vernáculo oficial. Mas embora a Revolução de 1919 tenha decretado o fim da colônia inglesa no Egito, o país ainda viveu sob o protetorado britânico até a chamada Revolução dos Oficiais de 1952, quando se inaugurou a República Árabe do Egito (THOMPSON, 2011; ZAIR, 2012; KANDIL, 2015). A última dessas revoluções aboliu o status do inglês como segunda língua oficial da nação. Mas o fantasma do idioma colonial e o seu posto oficioso de segundo vernáculo ainda surge na força da expressão *maʿndaḥumsh luḡha* (algo como “não ter uma língua”), com a qual são chamados os egípcios que não se comunicam em inglês ou em outro idioma ocidental.

Esse caráter fenomenológico da língua medido pelos usos individuais permite admirar alguns estranhamentos estéticos e políticos da linguagem: as demonstrações de consciência sobre marcadores sociais de diferença, figurações de identidades e vínculos políticos (HOLES, 1993; HELLER, 2007). É o caso da “didática” através da qual os manifestantes de 2011 informava ao ditador que “ele” e o “povo” já não se identificam mais, já não “falamos a mesma língua”, e que o “sistema” [*nizām*] – que pode ser compreendido aqui, ao mesmo tempo, como os sistemas político e de linguagem (o regime militar e o árabe clássico) – precisa cair. Repete-se nas ruas, ainda hoje, durante os “debates” e os “protestos de bairro”:

Al-shaʿb yurīd isqāṭ al-nizām.
“O povo quer derrubar o regime”.
(a.e.c.)

Conclusão

Da Era Mubāarak, a violência policial corriqueira nas periferias urbanas, as torturas de lideranças das militâncias islâmicas que se opunham ao regime, as repressões às greves operárias da cidade de al-Maḥalla al-Kobra, da região do Delta do Nilo (KEPEL, 1985, 2005; BISHARA, 2014), e as práticas generalizadas de corrupção compõem toda uma narrativa importante para o evento revolucionário e para o seu momento posterior; esse fragmentariamente posto aqui em registro. Pois esses processos cansados, esses corpos acossados e os nomes e rostos dos cadáveres que prescindem desse tempo parecem ter gerado a *aisthesis* (estética) do pós-revolução: os momentos em que as insensibilidades dos programas de gestão da vida tocados ao longo de todas

⁴ Os “arredores”, o conjunto dos espaços anexos ao chão principal do templo.

essas eras foram confrontadas pelos vínculos mais sensíveis das pessoas com os seus territórios e com as urgências internas a eles. É, principalmente, quando os totalitarismos tunisianos, líbios, egípcios e outros excedem nas suas autoridades sobre o destino fático sobre o viver e o morrer, seja pela guerra civil ou pela inanição, que o coro civil passa a vociferar, como nunca antes na história, por “pão, dignidade e liberdade”; essas que são expressões da constituição “social e político-democrático” da demanda revolucionária (ALEXANDER; BASSIOUNY, 2014, p. 13).

Mas não se trata aqui de uma revolução feita somente em nome e por segmentos, minorias e direitos compatibilizados a políticas de reconhecimento. Defendo, antes de tudo, que essa *aisthesis* decorreu, por assim dizer, de um contato afetivo, cotidiano e insistente entre os sujeitos e uma situação mais geral onde a identificação comum era a “desposseção” (SAFATLE, 2015a, 2015b): o espraiamento das formas individualizadas, ao mesmo tempo que coletivamente reconhecidas, da ideia de que estamos de fora do regalo do direito público, do Estado, enfim, da grande política, mas, principalmente, que “existimos nessa desposseção”; há um organismo “aqui e agora” vinculado a um tempo imediato que se afeta cotidianamente com essa repressão do “não ter” e do “não ser”; afetação orgânica que reproduz antigos vínculos entre os sujeitos, as instituições e os seus espaços vivenciais, mas que também possibilita o cultivo de relações renovadas e criativas entre eles, como aquelas demonstradas pelos protestos *work in progress*.

Com base em Safatle (2015a), principalmente pela imagem potencial de “afetos que podem ser gerados pelas sensações de desposseção e desamparo”, me pergunto até que ponto a experiência egípcia das manifestações do pós-Revolução, essas refletidas no cotidiano da cidade que conheci, dá exemplo de uma luta “pelo direito público das minorias”, mas também exemplifica “uma anomia que fortalece o campo político por sua abertura para além do direito” (SAFATLE, 2015b, p. 111). Ou seja, pensados os protestos de fora das ruas e das suas mensagens para as quais é a presença normativa e justa do Estado que é reivindicada, será que chegaríamos nos vínculos instanciais onde as biografias estão manejando os seus afetos orgânicos imediatos, esses mesmos em sintonia com leituras que cotidianamente estranham uma “revolução feita pela via política”? Fica tal indagação para desenvolvimentos refletivos futuros, esses que já ganham ascendência nos argumentos acima dispostos.

Referências

- ABU-LUGHOD, J. L. *Space, race, and riots in Chicago, New York, and Los Angeles*. Oxford-New York: Oxford University Press, 1998.
- ABU-RISH, Z. Protests, regime stability, and State formation in Jordan. In: KAMRAVA, M. *Beyond the Arab Spring: the evolving ruling bargain in the Middle East*. Oxford-New York: Oxford University Press, 2014. p. 227-312.
- ALEXANDER, A.; BASSIOUNY, M. *Bread, freedom, social justice: workers and the Egyptian Revolution*. London: Zed Books, 2014.
- AL-SAYYAD, N. *Cairo: history of a city*. Cambridge-Massachusetts-London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2011.
- AMIN, G. *Egypt in the era of Hosni Mubarak (1981-2011)*. Cairo-New York: American University in Cairo Press, 2012.
- AMIN, S. *Event, metaphor, memory: Chauri Chaura (1922-1992)*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- ARENDT, H. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BARBEITAS, F. T. As potencialidades inauditas da voz: entre filosofia, música, poesia e política. In: CAVARERO, A. *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 9-13.
- BASSIOUNEY, R. *Language and identity in modern Egypt*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- BAYAT, A. *Life as politics: how ordinary people change the Middle East*. Cairo: Cairo-London: The American University in Cairo Press, 2013.
- BISHARA, D. The power of workers in Egypt’s 2011 uprising. In: KORANY, B.; EL-MAHDI, R. *Arab spring in Egypt: revolution and beyond*. Cairo: American University in Cairo Press, 2014. p. 83-103.

- CAMBRIDGE ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- CAVARERO, A. *Vozes plurais: filosofia da experiência vocal* [Tradução: Flavio Terrigno Barbeitas]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- COHEN, R. *Working in progress na cena contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- EL-DABH, B. 6 April's Ahmed Maher arrested. *Daily News Egypt*, May 10th 2013.
- FAHMY, Z. *Ordinary egyptian: creating the modern nation through popular culture, 1870-1919*. Cairo: American University in Cairo Press, 2011.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. In: HUEBNER, T. *Sociolinguistic perspectives: papers on language and society (1959-1994)*. Oxford-New York: Oxford University Press, 1996. p. 25-39.
- GEERTZ, C. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.
- GLUCKMAN, M. Rituals of rebellion in South-East Africa. In: GLUCKMAN, M. *Order and rebellion in tribal Africa*. London: Cohen & West, 1963. p. 110-136.
- GOFFMAN, E. *Encounters: two studies in the sociology of interaction*. Indianapolis: U.I., 1961.
- GUNNING, J.; BARON, I. Z. *Why occupy a square? People, protests, and movements in the Egyptian revolution*. London: C. Hurst & Co., 2013.
- HELLER, M. *Bilingualism: a social approach*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.
- HINDS, M.; BADAWI, E. *Muʿjam al-lughā al-ʿarabīya al-miṣriyya (A Dictionary of Egyptian Arabic)*. Beirut: Librairie du Liban, 2009.
- HOLE, C. The uses of variation: a study of the political speeches of Gamal Abd al-Nasir. *Perspectives on Arabic Linguistics*, v. 5, p. 13-45, 1993.
- IBRAHIM, S. E. *Egypt, Islam, and democracy: critical essays*. Cairo: American University in Cairo Press, 2002.
- ILETO, R. C. *Pasyon and revolution: popular movements in the Philippines*. Quezon City: ADMU Press, 1997.
- KANDIL, H. *Soldiers, spies, and statesmen: Egypt's road to revolt*. London: Verso, 2015.
- KEPEL, G. *Muslim extremism in Egypt: the Prophet and pharaoh*. Berkeley: University of California Press, 1985.
- KEPEL, G. *The roots of radical Islam*. London: SAQI, 2005.
- LESCH, A. M. Concentrated power breeds corruption, repression, and resistance. In: KAMRAVA, M. *Beyond the Arab Spring: the evolving ruling bargain in the Middle East*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 17-42.
- MAHMOOD, S. Sectarian conflict and family law in contemporary Egypt. *American Ethnologist*, Washington, v. 39, p. 54-62, 2012.
- MECHAM, Q. Bahrain's fractured ruling bargain: political mobilization, regimes responses, and the new sectarianism. In: KAMRAVA, M. *Beyond the Arab Spring: the evolving ruling bargain in the Middle East*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 341-371.
- SAFATLE, V. P. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac & Naif, 2015a.
- SAFATLE, V. P. Por um conceito "antipredicativo" de reconhecimento. *Lua Nova*, São Paulo, n. 94, p. 79-116, 2015b.
- SANTOS, P. A. *A recitante egípcia: rapsódia e gestus em após revoluções caiotas*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- SULEIMAN, Yasir. *A war of words: language and conflict in the Middle East*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- TAMBIAH, S. J. *Leveling crowds: ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- THOMPSON, J. *A history of Egypt: from earliest times to the present*. Cairo: American University in Cairo Press, 2011.
- ZAIR, M. *The Muslim Brotherhood and Egypt's succession crisis: the politics of liberalization and reform in the Middle East*. London: I. B. Tauris, 2012.